

## TV UNE: a balbúrdia midiaticizada<sup>1</sup>

Diana ILIESCU<sup>2</sup>

UNIRIO

Rodrigo Rossi MORELATO<sup>3</sup>

UERJ

### RESUMO:

Neste trabalho apresentamos parte do imaginário estudantil, tecemos considerações sobre os desafios de participação e descrevemos algumas atividades de aprofundamento das modalidades de construção coletiva conhecidas no passado recente pela União Nacional dos Estudantes (UNE): a TV UNE. Tentativa de aprofundamento radical das formas de participação popular proporcionadas pelos meios e, especialmente, pela internet, a TV UNE (2013~2015) deve ser entendida enquanto um componente de uma frente cultural construída pela entidade na defesa do direito à educação através de práticas de comunicação para a cidadania.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Movimento Social; Cidadania; Participação; TV UNE.

### INTRODUÇÃO

Em épocas de cerceamento de direitos, desmonte de políticas públicas, crises institucionais as mais diversas e demais mazelas do atual período da vida nacional em seu infeliz flerte com o autoritarismo, a sociedade brasileira se levanta e ocupa as ruas com a balbúrdia dos descontentes perante a situação de nosso país.

É nesse sentido que este trabalho tece um comentário sobre o atual ciclo de desmonte da educação e parte do pressuposto de sua relação com o cerceamento de processos de cidadania que se originam na redemocratização, passam pela promulgação da Constituição Cidadã (1988) e culminaram na sanção do segundo Plano Nacional de Educação (PNE)<sup>4</sup> que, em uma de suas metas mais ambiciosas (Meta 20), estipulava o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Memória Social UNIRIO e-mail: [diana@iliescu.com.br](mailto:diana@iliescu.com.br)

<sup>3</sup> Doutorando do Curso de Comunicação Social UERJ e-mail: [rodrigomorelato@gmail.com](mailto:rodrigomorelato@gmail.com)

<sup>4</sup> Lei Federal Nº 13.005/2014

---

aumento dos investimentos públicos no setor em 10% do Produto Interno Bruto (PIB)<sup>5</sup> do Brasil.

Nesse cenário, a União Nacional dos Estudantes (UNE), histórica entidade representativa dos estudantes brasileiros – fundada em 1937 e desde então atuante legalmente ou na clandestinidade – talvez possa ser compreendida enquanto componente de uma frente cultural (GONZÁLEZ, 2001) que organizou manifestações, marchas, comícios, passeatas; produziu filmes, materiais impressos, matérias em sites “alternativos” e na mídia hegemônica; mobilizou parcelas da sociedade brasileira em prol da defesa do direito à educação que sofre, na atualidade, franco ataque de viés policialesco à pluralidade dos debates que se supõem deveriam haver numa sociedade democrática e se faz acompanhar do contingenciamento de recursos que visam asfixiar qualquer possibilidade de uma cidadania plena através de um de seus direitos talvez mais caros.

Nesta reflexão realizaremos um percurso pelo imaginário do movimento estudantil, algumas de suas dificuldades de articulação e mobilização em escala nacional dada à extensão continental do país e teceremos comentários quanto a estratégias propiciadoras de um envolvimento ampliado, de viabilização do envolvimento mediado e de socialização da informação (PERUZZO, 1998) desenvolvidas pela UNE no passado recente: a TV UNE, aprofundamento radical nas formas de participação e de comunicação da entidade tendo em vistas a janela estratégica de luta pela implementação do segundo Plano Nacional de Educação (PNE) segundo um fundamento metodológico na Teoria do Ator-Rede (LATOUR, 2012).

Ao longo de sua existência, entre 2013 e 2015, a TV UNE realizou a transmissão ao vivo de quase a totalidade das instâncias deliberativas componentes da entidade – Conselho Nacional de Entidades de Base (CONEB), Conselho Nacional de Entidades Gerais (CONEG), e o Congresso da UNE (CONUNE) –, além da produção de “programas culturais” ou “de entretenimento” por ocasião, em especial, das Bienais de Arte, Ciência e Cultura (Bienais da UNE), espaços privilegiados à participação e à educação para os meios através da ludicidade em uma série de programas que aqui também serão abordados, ao menos, em parte.

---

<sup>5</sup> “META 20 - Ampliar o investimento público em educação pública de forma a atingir, no mínimo, o patamar de 7% (sete por cento) do Produto Interno Bruto - PIB do País no 5º (quinto) ano de vigência desta Lei e, no mínimo, o equivalente a 10% (dez por cento) do PIB ao final do decênio.”

---

## UM IMAGINÁRIO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Costuma-se creditar à juventude a transformação da sociedade. Caso se trate de jovens universitários, esse tipo de expectativa pode aumentar consideravelmente, pois, talvez, mais “qualificados” a desempenhar suas funções sociais futuras segundo o paradigma que a educação há muito conhece (MARTÍN-BARBERO, 2014), é nesses futuros profissionais que boa parte de nossa, expectativa é depositada. Se por ventura esses estudantes tiverem contato com a cultura das mídias (KELLNER, 2001), algo intrínseco quando se fala de juventude, essa esperança pode se projetar na reverberação propiciada pelos meios de comunicação, polinizando ao menos o desejo de mudança ou transformação social que se espera para o mundo e, no caso brasileiro, ao menos um aprofundamento democrático capaz de fazer sentir em seus filhos uma cidadania plena. Nesse sentido, talvez seja possível que se tenha na juventude um depositário de confiança quanto ao futuro (ENNE, 2010, p. 23).

Assim, a conjunção entre mudança social e mídia são traços constituintes de uma nova categoria social forjada em meados do século XX: o protagonismo juvenil que conforma seu espírito do tempo “[...] relacionado às rupturas, ao novo, ao que não se confirma, à busca por experiências e mudanças” (ENNE, 2010, p. 19), vontade de obter novos direitos (GOHN, 2014, p. 96) que talvez façam pensar a entidade representativa dos estudantes brasileiros, a União Nacional dos Estudantes, enquanto a agente de uma frente cultural, ou seja,

[...] como configurações produzidas dentro das dinâmicas de múltiplas mudanças históricas das estruturas simbólicas [...]. Se por um lado as frentes culturais são estruturais, feitas sobre um conjunto de relações [...], por outro também estão em constante movimento e ajudam a construir uma espécie de onda na qual se encontram, em estado de ebulição, conflitos e tensões sociais. (GONZÁLES, 2001, p. 22)<sup>6</sup>

Do nosso ponto de vista, a União Nacional dos Estudantes, entidade que marca o imaginário estudantil e juvenil brasileiro, principalmente aquele tecido nos anos 1960 em sua irreverência, inconformismo e resistência, pode ser entendida enquanto um ator social interessado na disputa dos processos de hegemonia, dos campos e das redes

---

<sup>6</sup> Tradução livre de “(...) como configuraciones producidas dentro de las dinámicas de múltiples cambios históricos de las estructuras simbólicas (...) Por un lado, los frentes culturales son estructurales, hechos sobre un conjunto de relaciones (...) por otra parte, éstos también están em constante movimiento y ayudan a construir una especie de olla em la se encuentran em estado de ebullición conflictos y tensiones sociales” (GONZÁLES, 2001, p. 22)

---

ideológicas que atravessam a história do país – aos quais não faltam inimigos poderosos.

Embora institucionalizada em 1937, atuante contra o nazi-fascismo<sup>7</sup>, passando pela ênfase do desenvolvimento nacional através da campanha *O petróleo é nosso* e desembocando na defesa das Reformas de Base empreendidas pelo presidente João Goulart, talvez seja nestes meados dos anos 1960 que o imaginário do movimento estudantil tenha se consolidado: principalmente através da mídia, no caso, do cinema.

Tencionando, articulando e midiaticando a porosidade da frente cultural da qual, de certo modo, fazia parte – o desenvolvimentismo nacional formulado pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) tem forte influência neste caso –, os agremiados à UNE se propuseram a “[...] explicitar o processo de tomada de consciência, e, por conseguinte, viabilizar o projeto de transformação nacional” (ORTIZ, 2012, p. 68) formando o Centro Popular de Cultura (CPC da UNE), localizado no antigo Estado da Guanabara, na Praia do Flamengo, número 132 – futura nova sede da UNE, em construção a partir do projeto doado por Oscar Niemeyer e viabilizada com recursos oriundos da primeira reparação coletiva do Estado brasileiro determinado pela Comissão de Anistia, vinculada ao Ministério da Justiça.

Embora seja por nós abertamente aceito que o baluarte que orientava o CPC da UNE possuía o viés dicotômico típico de seu tempo, pois “[...] para o CPC, a relação [entre cultura popular e pensamento gramsciano] encontrava-se invertida: são os intelectuais que levam cultura às massas” (ORTIZ, 2012, p. 73), alguns processos dignos de nota foram desempenhados por essa confluência entre juventude, mídia e realidade social de modo a marcar parte do imaginário estudantil até os dias de hoje.

Uma vez que o imaginário é uma realidade (MAFFESOLI, 2014) que dá sentido à vida coletiva e orienta a construção social do cotidiano, talvez seja necessário nos atermos um pouco mais aos acontecimentos que concernem à trajetória daqueles que compõem ou compuseram o movimento estudantil dos anos 1960, fonte de inspiração da entidade e daqueles que a constroem até a contemporaneidade.

Em 1962, a UNE buscava implementar outros Centros Populares de Cultura por todo o país, expandindo assim suas frentes de atuação ao formar uma verdadeira rede de

---

<sup>7</sup> Uma ação emblemática dos estudantes brasileiros organizados foi a tomada de um polo de difusão da ideologia nazifascista no Brasil, o Clube Germânia, localizado na Praia do Flamengo 132, no Rio de Janeiro. Concedido à entidade desde então, até 1964, quando um dos primeiros atos da Ditadura Militar se fez sentir: o incêndio da sede, perseguição de suas lideranças e, por fim, a destruição total do prédio.

indignação e esperança. A partir da experiência desenvolvida no Estado da Guanabara, que viabilizou a projeção de toda uma geração de jovens artistas (ARAUJO, 2007), o movimento estudantil pretendia formar uma ampla frente cultural engajada na mudança e, uma vez que “[...] camponeses e estudantes foram pensados como atores sociais básicos de uma nova sociedade” (GOHN, 2014, p. 83), uma caravana se formou e, em ônibus, percorreram boa parte de um Brasil profundo que compõe o território nacional imaginado, “levando” arte e cultura aos despossuídos.

Embora aqui caiba a crítica a respeito da inversão na relação entre intelectualidade e cultura popular, vale ouvir uma voz talvez dissonante e atenta à concretude que o cinema pode materializar em imagem e potência: acompanhava a caravana o produtor do primeiro longa metragem produzido pela entidade<sup>8</sup>, como determinava o espírito do tempo (MORIN, 2018): um ajuntamento de diversos curtas sobre certo tema da realidade social. Chamava-se Eduardo Coutinho, posteriormente célebre documentarista, tinha nessa época 30 anos e estava presente na caravana que ficou conhecida como “UNE Volante”.

Em 1964 se pensava em fazer um segundo filme pelo CPC, um longa metragem baseado num texto de João Cabral de Mello Neto – que desistiu da empreitada quando percebeu a ascensão do autoritarismo e, tendo sido preso em 1950 por acusações de comunismo, enviou um telegrama desautorizando a juventude a filmar em seu nome, como conta Coutinho (BRAGANÇA, 2008). Dada a necessidade de uma história, formulou-se outra: uma edificante ficção sobre a vida e morte de João Pedro Teixeira, antigo líder das Ligas Camponesas do sertão brasileiro. Segundo o então produtor:

Em 1962 filmei um comício em protesto à morte de uma pessoa que eu não conhecia e que, aliás, era pouco conhecida no Brasil. Em João Pessoa, soube que era um líder camponês, João Pedro Teixeira, assassinado por policiais militares a mando de um grande proprietário de terras nordestino. Eu nunca filmei na minha vida, nem antes, nem depois, mas naquele dia eu tive que filmar. O cinematografista contratado pelo CPC era da Agência Nacional, um senhor de idade que ainda por cima estava doente e tal... (COUTINHO *apud* BRAGANÇA, 2008, p. 24)

Coube a encomenda do roteiro, direção e produção ao próprio Eduardo Coutinho, que lhe havia filmado o velório em cortejo dois anos antes. Projeto iniciado, logo foram interrompidas as filmagens naquele mesmo ano de Golpe Militar, sendo equipe técnica e atores (todos amadores, convíveres de João Pedro Teixeira)

---

<sup>8</sup> Cinco Vezes Favela. Filme brasileiro de 1962, de ficção com temática social, dividido em 5 episódios dirigidos por diferentes diretores, considerado uma obra fundamental do Cinema Novo brasileiro.

---

perseguidos e torturados; parte do filme se salvou, pois havia sido enviado de Pernambuco (onde era filmado) até o Rio de Janeiro (onde ficava o laboratório cinematográfico), um rolo em negativo. Por muitos anos sobreviveu um copião, escondido sob o singelo nome *A Rosa do Campo* inscrito na lata escondida na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (BRAGANÇA, 2008).

Finalizado quase vinte anos depois, a ficção se tornou documentário premiado: *Cabra Marcado Para Morrer* (1984) dirigido pelo próprio Eduardo Coutinho sem roteiro, numa tentativa de “[...] contar algumas histórias e [fazer] muitas perguntas” (COUTINHO *apud* BRAGANÇA, 2008, p. 27) quanto àquele tempo digno de ser narrado para não mais ser esquecido.

As metodologias de comunicação desenvolvidas pelos agremiados na União Nacional dos Estudantes nessa época reverberaram por muito tempo no corpo, na memória e na película dos perseguidos pelo autoritarismo: se, por um lado, percorrer o imenso Brasil e narrar em imagens e sons uma voz dissonante aos detentores do poder nos inspira respeito; por outro sugere um paralelo tecido em tempos de democracia.

## O DESAFIO DA PARTICIPAÇÃO

Com a redemocratização do país, partícipes da União Nacional dos Estudantes puderam voltar à luz da existência, buscar seus líderes assassinados ou desaparecidos e retomar suas pautas históricas. Entre a campanha das *Diretas Já!* e a destituição de um presidente, talvez haja muita tinta a correr. Interessa-nos, neste breve relato, algo diferente: um novo paradigma de cidadania, de viés cultural, implementado enquanto política pública à época da nomeação de um músico e produtor cultural, mentor da Tropicália tão vigorosa nos anos 1960, para o Ministério da Cultura: sendo talvez quando o conceito expandido de cultura (YÚDICE, 2013) se fez sentir mais concretamente no Brasil.

A metáfora do corpo social maculado tomou a forma de unguento através do *do-in antropológico* operado pelas mãos de Gilberto Gil, pois,

Em seu discurso de posse, o ministro Gilberto Gil usou uma expressão para representar sua proposta de trabalho no ministério: “do-in antropológico”. Do-in é massagear pontos vitais do organismo humano, destravar, liberar energias. Do-in é ir direto ao ponto. (TURINO, 2010, p. 82)

Invertendo a lógica da distribuição de recursos destinados à cultura no país, o Programa Cultura Viva (como ficou conhecida essa política pública<sup>9</sup>) previa uma certa descentralização em prol dos “fazedores de cultura” enraizados territorialmente. Ao invés de se construir “[...] grandes infraestruturas, equipamentos culturais de 1300 metros quadrados, implementados inicialmente em cinquenta localidades do país” (SANTINI, 2017, p. 60), iniciativa de enormes custos e teor faraônico, decidiu-se por apoiar com recursos e capacitação diversas atividades culturais que já se desenvolviam por toda a nação: seriam esses os pontos que mobilizariam a potência social e cultural, os pontos de cultura capazes de fazer ressoar em todo o imenso Brasil a cidadania cultural.

Selecionados através de um edital público onde se tinha que apresentar “[...] um plano de trabalho baseado no tipo de ação cultural que já era previamente desenvolvida pelo grupo em sua comunidade” (SANTINI, 2017, p.68) os “fazedores de cultura” teriam acesso tanto a recursos quanto à capacitação através uma série de Pontões de Cultura:

Se o Ponto de Cultura é a sedimentação da rede no território, o Pontão de Cultura é o nó que sustenta a rede. Pontões são articuladores, capacitadores e difusores na rede, integram ações e atuam na esfera temática ou territorial. Tanto podem abarcar uma linguagem artística (Pontão do Teatro do Oprimido, do Audiovisual), público (Juventude, Mulheres), área de interesse (Cultura Digital, Arte na Reforma Agrária, Cultura de Paz), gestão ou território. (TURINO, 2010, p. 103)

Acontece que os agremiados à União Nacional dos Estudantes já se empenhavam na construção de sua própria rede cultural capaz de atrair forças juvenis dispersas por todo o território nacional (MESQUITA, 2003) e, talvez, preferencialmente, jovens artistas empenhados na constituição da frente cultural que a entidade ajudava a compor: a de defesa do direito à educação. Desde 1999 aconteciam as Bienais de Cultura e Arte da União Nacional dos Estudantes (Bienais da UNE). Grandes eventos culturais, as Bienais da UNE têm como eixo principal uma série de mostras da produção cultural estudantil que se organiza através de alguns modos de expressão artísticos como música, artes cênicas, audiovisual, literatura, artes plásticas e artes visuais (UNE, 2015).

Novo fórum, certamente mais poroso, do movimento estudantil, as Bienais da UNE deram origem a um tipo de rede de produção cultural quando se percebeu que

---

<sup>9</sup> Atualmente Lei Federal nº 13.018/2014

---

entre a primeira bienal, realizada em 1999 na cidade de Salvador, e a segunda, a ser realizada no Rio de Janeiro em 2001, tinha-se pouco conhecimento do que haviam feito os estudantes nesse breve hiato entre uma bienal e a outra. À época, a participação dos iniciados<sup>10</sup> era inviabilizada pela dimensão continental do país, pelos poucos recursos que detinha a entidade e pela precária rede de internet<sup>11</sup> que havia no Brasil.

De tal modo que, pouco menos de um ano antes da realização da segunda bienal, um grupo de estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto tomou a iniciativa ao romper o silêncio convocando “[...] todos à 2ª Bienal da UNE, em fevereiro, no Rio de Janeiro” (MESQUITA, 2003, p.144). Através de uma carta escrita e lida durante um congresso regional do movimento estudantil, esse chamado ficou conhecido como “A Carta de Ouro Preto” e fazia o convite à rede do movimento estudantil institucionalizado que se mobilizasse em prol da realização da segunda Bienal da UNE, àquela altura incerta dada a desarticulação dos jovens artistas universitários.

Copiada de próprio punho, digitada, impressa ou fotocopiada, finalmente encaminhada por correio ou e-mail aos amigos feitos em Salvador, essa ação tática propiciada pela oportunidade (CERTEAU, 1998) operou não apenas a reaglutinação de jovens artistas universitários dispersos por todo o país, viabilizando a segunda Bienal da UNE, mas também realizou um diagnóstico: era preciso tecer uma rede perene de jovens artistas empenhados na construção da União Nacional dos Estudantes.

De tal modo que, a cada jovem e entusiasta artista que saísse de sua universidade em precário ônibus dos quatro cantos do país, uma perspectiva de participação foi oferecida: que, voltando à sua universidade, aglutinasse a cena local, formando um Centro Universitário de Cultura e Arte, um CUCA.

No ano de 2003 esses diversos “cuqueiros”, como ficaram conhecidos os partícipes dos CUCAs, reencontraram-se em Recife por ocasião da terceira Bienal da

---

<sup>10</sup> Quanto a essa dimensão de partilha, Maffesoli escreve ser a iniciação “(...) a recusa de engolir o que é despejado de cima, a lei do Pai, que se acompanha de um desejo de aprender com os iguais: a lei dos irmãos. A iniciação consiste em fazer sobressair esse ‘estar-aí’ (*Dasein*) que permite gozar, bem ou mal, do que se dá a viver e a ver” (MAFFESOLI, 2014, p. 07)

<sup>11</sup> Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, do IBGE, o número de domicílios brasileiros com acesso à internet era de 8,6% em 2001, porcentagem que subiu para 75% em 2017. Vide <<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2001/default.shtm>> <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>> (acesso em 07 de julho de 2019).



UNE e decidiram: não apenas “centros”, mas sim um “circuito”, talvez algo que hoje se entenda sociologicamente como uma rede (CASTELLS, 2013).

Lançado o primeiro edital do Programa Cultura Viva, os jovens artistas do Circuito Universitário de Cultura e Arte disputaram-no e foram reconhecidos enquanto um Pontão de Cultura. O fortalecimento dessa rede, ou, como gostam de chamar os “cuqueiros”, circuito, se fez sentir através do acesso ao imaginário coletivo do movimento estudantil, certo tipo de resgate metodológico: era preciso refazer as caravanas mobilizadoras das bases. Em 2004, primeiro ano de atividade desse Pontão de Cultura segundo um iniciado, aconteceu certo resgate do imaginário quanto às metodologias de ação de transformação social, como aquele tecido nos anos 1960, pois,

A Caravana Universitária de Cultura e Arte tem três objetivos fundamentais: o primeiro é de promover uma profunda discussão acerca das políticas públicas de cultura no Brasil; o segundo é de promover uma grande mostra do que existe de produção cultural nas diversas regiões do país; a terceira é de consolidar uma imensa rede pelo Brasil através dos Centros Universitários de Cultura e Arte. (Thiago Alves em depoimento para o vídeo *Caravana da UNE* [2004], direção: Fernando Lebânio; 01'48”)<sup>12</sup>

Formada tal rede em épocas de novas tecnologias de comunicação e informação (CASTELLS, 2013), talvez fosse preciso ampliar as possibilidades de participação proporcionadas pela comunicação (PERUZZO, 1998), pois, como é mencionado no registro dessa mesma caravana que inaugura o Pontão de Cultura do CUCA da UNE,

É legal a UNE se relacionar com a gente porque a gente nem sabia que a UNE existia, entendeu? A UNE... Tá lá longe... Eles fazem lá as coisas que nunca chegam aqui porque o Amazonas é isolado pra caramba... Nada que acontece lá no sul chega aqui em cima... (Eva Lúcia, estudante da UFAM, em depoimento para o vídeo *Caravana da UNE* [2004], direção: Fernando Lebânio; 10'33”)<sup>13</sup>

Talvez o aprofundamento dos processos de participação mediados tivesse que esperar algum tempo mais até que um dispositivo fosse capaz de apresentar novos aparelhos (FLUSSER, 1985), como *handycams*, sem muito valor, dotadas de saída em sinal de vídeo-componente em conjunção com microcomputadores passíveis de roteamento de internet, além de toda uma curiosa ecologia de cabos e adaptadores tecidos em gambiarra (MACHADO; MORELATO, 2018).

---

<sup>12</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Rs7W6rLPacY&t=138s>> (acesso em 15 de junho de 2019).

<sup>13</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=mEAWVsnPxbE>> (acesso em 10 de julho de 2019).

---

Antes disso, todos os conteúdos tinham que ser filmados, editados e, finalmente, postados na página da internet. Não havia possibilidade de transmissão simultânea, ao menos até que se pudesse mediatizar as formas culturais de comunicação, já há muito tecidas no movimento social estudantil através da comunicação interpessoal boca-a-boca em suas metodologias presenciais.

Fomentar a balbúrdia e mediatizar a voz dos descontentes através da transmissão ao vivo foi uma tentativa de aprofundamento radical que o movimento estudantil conheceu recentemente e, segundo nossa interpretação sociológica, dada a necessidade de se polinizar as pautas de uma frente cultural empenhada na conquista do Plano Nacional de Educação, talvez um certo tipo de comentário precioso: o da difusão, proporcionada pela comunicação mediada, das pautas e debates empreendidos pela União Nacional dos Estudantes através de uma série de *links* ao vivo viabilizados pela TV UNE.

## **A BALBÚRDIA MEDIATIZADA**

- Já pensou que barato se a UNE tivesse um programa de televisão?
- Alô, alô, estudantes! A TV UNE vem aí! Assista às atrações da oitava Bienal da UNE diretamente de Olinda, Pernambuco! Cultura, política e juventude ao vivo! Não perca! (Vinheta da 8ª Bienal de Cultura da UNE)<sup>14</sup>

Quem estava de mochila pronta, passagem comprada ou vaga no ônibus garantida, possivelmente partilhou a mensagem pro amigo que queria ir mas não pode: acessando tal site se poderia assistir de casa as atrações que compunham a oitava Bienal da UNE que, além de uma série de mostras estudantis, contaria também com uma infinidade de shows como o de Lenine, multi-instrumentista nascido em Recife, que abriria essa edição das Bienais da UNE com forte ênfase na necessidade se construir pontes criativas, como consta em sua obra musical.

Quem chegou a Olinda e, após um banho merecido, saiu da zona de alojamento e caminhou vinte minutos até a praia onde havia o palco naquele dia 22 de janeiro de 2013, encontrou no meio do caminho estranha parafernália: jovens emaranhados em cabos e apetrechos tecnológicos.

---

<sup>14</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ar311a82uag>> (acesso em 12 de junho de 2019)

Como não havia cobertura de internet na praia onde aconteceria a abertura da Bienal e o show de Lenine, decidiu-se parar ali, no meio do caminho, no bar de um comerciante local que tinha acesso à internet: a generosidade da partilha de sinal viabilizou a expansão da participação estudantil nesse dia. Um grupo de jovens montou o que seria a primeira série de transmissões via *streaming* da recém-criada TV UNE, o canal de *web tv* construído pela União Nacional dos Estudantes.

No final da tarde, entrava no ar o primeiro episódio do programa “Caboclo Banda Larga”, transmitido ao vivo do meio de uma praça no centro histórico de Olinda. Contava com um público presente em formato de auditório e agregava como atrações personagens que passavam pela rua. O programa foi aberto por um caboclo de lança de maracatu mostrando sua dança típica, com intervenções sonoras lançadas por um DJ na mesa de som conectada ao *software* de transmissão pela internet. Em seguida, uma apresentadora contava as atrações do dia da Bienal, acompanhada de um jovem de braço engessado a quem chamava de “Asa Branca”, compondo o tema do evento que apresentava o retorno do êxodo rural nordestino. Outra apresentadora vestida de Frida Kahlo comentava fatos políticos. Personalidades culturais da região foram entrevistadas, a exemplo do cineasta Cláudio Assis, figura peculiar da vida noturna olindense, além de diversos estudantes e artistas que passavam pelo *set* inusitado e eram captados por uma das quatro câmeras simultâneas conectadas à transmissão.

Cultura popular, pautas políticas, performatividade e tecnologia se entrelaçavam em um sistema de comunicação inovador, precedido por um bom planejamento mas que dispensava edições *a posteriore*, facilitando e barateando o modo de produção audiovisual dos estudantes. De certo modo, através da realização desse primeiro programa ao vivo, a TV UNE também acabou por inserir nas práticas de comunicação da entidade um “(...) novo espaço público, o espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço de comunicação autônoma” (CASTELLS, 2013, p. 16).

Ainda segundo Manuel Castells

(...) para que se forme um movimento social, a ativação emocional dos indivíduos deve conectar-se com outros indivíduos. Isso exige um processo de comunicação de uma experiência individual para outras. Para que o processo de comunicação opere, há duas exigências: a consonância cognitiva entre emissores e receptores da mensagem e um canal de comunicação eficaz. (CASTELLS, 2013, p. 13)

As experiências promovidas pela TV UNE acabaram por inspirar novos coletivos a se apropriarem da transmissão ao vivo em suas atividades. Isso porque, em

todas as suas edições – além desse primeiro programa, realizado em 2013, a TV UNE também produziu “Amolador de Facas” (2014), “Descomemoração de 50 anos do Golpe” (2014) e “Novas Vozes” (2015)<sup>15</sup> – eram realizadas grandes chamadas à produção colaborativa. Qualquer estudante que viesse às bienais e tivesse uma câmera, um microfone ou o desejo de participar era logo integrado à aberta equipe da TV UNE e, através de uma espécie de oficina onde se aprende fazendo, eram iniciados nos processos técnicos e potencialidades comunicativas da transmissão ao vivo.

De tal modo que em 2014 se agregava ao redor das agendas midiáticas por essa webtv uma pequena rede midiativista. Em Foz do Iguaçu, na Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA), um grupo de estudantes que participara da formulação e realização daquele primeiro programa ao vivo retornou à sua universidade enquanto um coletivo: TV Pra Quem Tem Disposição (TV PQTD!)<sup>16</sup>. Realizando a transmissão ao vivo de alguns fóruns estudantis que aconteciam na UNILA, também realizavam pequenas vídeos-reportagens ou performances sobre o cotidiano estudantil naquela universidade.

Outro caso semelhante se deu com os membros do Centro Universitário de Cultura e Arte da Universidade Federal Fluminense (CUCA da UFF). Atendendo ao chamado de compor a comunicação colaborativa da 9ª Bienal da UNE, realizada no Rio de Janeiro, em 2015, acabaram por desenvolver um projeto de extensão junto a moradores do Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio de Janeiro, onde realizaram, juntamente com um coletivo local chamado Pega Visão<sup>17</sup>, transmissões ao vivo sobre o cotidiano dos moradores do local.

De tal modo que uma das grandes inovações dessa iniciativa comunicacional foi o recurso à ludicidade na tentativa de torná-la mais participativa e atraente (PERUZZO, 1998, p.151). A TV UNE, no entanto, também realizava a transmissão das diversas plenárias do movimento estudantil e demais ações das quais a frente cultural que a UNE compunha como a de construção do Plano Nacional da Educação (PNE). No Dia Nacional de Mobilização em Defesa da Educação, realizado em 13 de agosto de 2013,

---

<sup>15</sup>Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WF4CwFn3rZ4>> (acesso em 15 de junho de 2019)

<sup>16</sup> Disponível em <[https://www.youtube.com/channel/UCDy\\_DaYj26Z3\\_NQKNRTexkA](https://www.youtube.com/channel/UCDy_DaYj26Z3_NQKNRTexkA)> (acesso em 15 de junho de 2019)

<sup>17</sup> Disponível em <[https://www.youtube.com/channel/UC\\_whfncCn\\_u1412sqMeZz8Q](https://www.youtube.com/channel/UC_whfncCn_u1412sqMeZz8Q)> (acesso em 15 de junho de 2019)

por exemplo, a TV UNE já contava com uma rede de difusão das pautas e conteúdos estudantis em prol das campanhas que comporiam essa frente ampla e que, para os estudantes brasileiros, eram encabeçadas pelas pautas de investimento de 10% do PIB para através da aplicação dos *royalties* do pré-sal exclusivamente à essa finalidade.



Imagem 02: Diretor da UNE fala durante o Seminário de Gestão da entidade (gestão 2015~2017). Fonte: Acervo Pessoal.

Dessa maneira, a realização de programas não apenas com foco na ludicidade, mas também a transmissão das plenárias e congressos da entidade eram transmitidos e permitiam a participação – inclusive através de perguntas que, encaminhadas pelo portal da *webtv*, eram feitas aos diretores da União Nacional dos Estudantes quando a dinâmica da atividade organizativa assim permitisse.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a TV UNE, em sua breve existência, tenha sido uma tentativa de promover

[...] a participação popular no processo de produção dos audiovisuais, [que] almeja desmistificar a televisão, discutir assuntos de interesse público cadentes aos grupos locais e motivar o envolvimento das pessoas na democratização dos meios de comunicação de massa através da apropriação pública das tecnologias da informação. (PERUZZO, 2007, p. 21)

De certo modo, este texto é também uma tentativa de se preservar a memória de práticas comunicacionais do movimento estudantil organizado pois, por incrível que

pareça, em meados de 2015 a TV UNE foi descontinuada devido a uma mudança de gestão, sendo que a grande maioria dos conteúdos por ela produzidos ao longo de quase três anos de existência não se encontram mais disponíveis online.

Uma vez que um dos grandes pontos positivos da comunicação dos movimentos populares é a preservação da memória dos movimentos sociais (PERUZZO, 1998, p. 157), os autores recomentam à entidade maior cuidado para que as questões que concernem as atividades dos estudantes organizados e suas apropriações da mídia não tomem apenas caráter de curiosidade histórica, marca do imaginário estudantil, mas que seja preservada e assim, faça reverberar por ainda muito tempo a balbúrdia midiaticizada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO, Maria Paula. **Memórias Estudantis – Da fundação da UNE aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007
- BRAGANÇA, Felipe (org). **Entrevistas: Eduardo Coutinho**. Rio de Janeiro : Beco do Azougue, 2008
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro : Zahar, 2013
- CERTEAU, 1998. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis : Vozes, 1998
- ENNE, Ana Lúcia. **Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade**. São Paulo : Revista Comunicação, Mídia e Consumo (ESPM) v.07 n, 20, 2010
- FLUSSER, Vilém. **A filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo : Huittec, 1985
- GOHN, Maria da Glória. **Sociologia dos movimentos sociais**. São Paulo : Cortez, 2014
- GONZÁLEZ, Jorge A. **Frentes culturales: para una comprensión dialógica de las culturas contemporâneas**. Mexico DF: Estudios sobre las culturas contemporâneas vol VII num 14, 2001
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador : Edufba, 2012
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP : EDUSC, 2001
- MACHADO, Eliany Salvatierra; MORELATO, Rodrigo Rossi. **Pega Visão: relatos sobre uma experiência educomunicativa**. 2018

- 
- MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus: comunhões emocionais**. Rio de Janeiro : Forense, 2014
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo : Contexto, 2014
- MESQUITA, Marcos Ribeiro. **Movimento estudantil brasileiro: práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais**. Numero 66 (online), 2003
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose e necrose**. Rio de Janeiro : Forense, 2018
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo : Brasiliense, 2012
- PNE, Plano Nacional de Educação. Lei Federal nº 13.005/2014.
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1998
- \_\_\_\_\_. **Televisão comunitária: dimensão pública e participação cidadã na mídia local**. Rio de Janeiro : Mauad X, 2007
- SANTINI, Alexandre. **Cultura Viva Comunitária – Políticas culturais no Brasil e na América Latina**. Rio de Janeiro: ANF, 2017.
- TURINO, Celio. **Ponto de Cultura: o Brasil de baixo pra cima**. São Paulo : Anita Garibaldi 2010
- UNE, **Catálogo da Bienal**. São Paulo: UNE, 2015.
- YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte : Editora da UFMG, 2013